



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

SOBRE O TERCEIRO LIMITE NO APARELHO PSÍQUICO OU A EMERGÊNCIA DO IN-SIGNIFICANTE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL

MANUEL MOREIRA DA SILVA¹

RESUMO:

O presente trabalho propõe a fixação de um terceiro limite no aparelho psíquico de modo a contribuir para o processo de tratamento de pacientes que permanecem à margem de uma caracterização estrutural adequada. Em vista disso, partindo das contribuições de Lacan e de André Green, o trabalho investiga em que medida se pode falar de um terceiro limite constitutivo do sujeito, o qual se mostra anterior ao duplo limite de Green e à barra lacaniana. Caso em que descreve esse terceiro limite como o in-significante anterior ao significante e ao duplo significante, mostrando-se, enfim, constitutivo do assim chamado Antinarciso.

Palavras-chave: Psicanálise. Lacan. Green. Significante. Duplo limite.

ABSTRACT: The present work proposes the setting of a third limit in the psychic apparatus in order to contribute to the treatment process of patients who remain on

¹Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas Professor Adjunto no DEFIL da Unicentro.

the margins of an adequate structural characterization. In view of this, starting from the contributions of Lacan and André Green, the work investigates to what extent one can speak of a third constitutive limit of the subject, which is shown to be prior to Green's double limit and the Lacanian bar. In which case he describes this third limit as the un-signifier prior to the signifier and to the double signifier, showing itself, finally, constitutive of the so-called Anti-Narcissus.

Keywords: Psychoanalysis. Lacan. Green. Signifier. Double limit.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho pretende contribuir para o esclarecimento da questão do funcionamento do aparelho psíquico em pacientes que, na clínica psicanalítica, se mantêm à margem de uma caracterização diagnóstico-estrutural adequada. Esses os pacientes cujo aparelho psíquico se distingue daquele dos *neuróticos clássicos*, de *matriz edípica*, bem como dos *não-neuróticos*, de *matriz narcísica*, conforme a distinção proposta por Green (2002/2005, *passim*) e desenvolvida entre outros por Marion Minerbo (2019). A exemplo desta, o trabalho distingue uma nova classe de pacientes e propõe-se classificá-los em uma matriz distinta, designada antinarcísica, caso em que aqueles são chamados antinarcisos.

À diferença dos neuróticos e dos não-neuróticos, os Antinarcisos são aqui designados não-neuróticos e não-narcísicos; encontram-se, pois, no limite entre os primeiros, de matriz edípica, e os segundos, de matriz narcísica e, por isso, não se enquadram nem em uma nem em outra dessas matrizes. Todavia, para que os Antinarcisos possam ser considerados e, portanto, classificados numa matriz distinta, é preciso observar em seu funcionamento psíquico algum traço distintivo em relação aos neuróticos e aos narcisistas e antinarcisistas, donde a investigação a um só tempo psicopatológica e metapsicológica da posição de *um terceiro limite no aparelho psíquico*, a fim de precisar a dinâmica psíquica dos Antinarcisos. Trata-se, em rigor, de investigar em que medida a referida questão se impõe e, assim, se seria o caso de um terceiro limite constitutivo do sujeito porquanto tal limite precede o duplo limite de Green (1982/2017) – que constitui a matriz narcísica – e a barra lacaniana (Lacan, 1962/2005b), enquanto constitutiva da matriz edípica, também válida para o próprio sujeito em geral. Em suma, trata-se da posição de um terceiro limite cujo elemento determinante da estrutura do sujeito se poderia descrever como o *In-significante*; esse, em rigor, anterior ao significante e ao duplo significante.

No concernente ao *In-significante*, ele refere-se aqui ao significante que nada representa para um outro significante, sendo esse 'nada' o ser-aí que deflete seu ser-sujeito ou que, quando em vias de apropriar-se ao seu ser próprio, deste de desvia – numa permanente fuga de si mesmo ou de sua realização. Neste sentido,

pode-se estabelecer como uma hipótese de trabalho – para a explicitação desse In-significante que constitui o Antinarciso – a relação do In-significante ele mesmo e do significante que determina o sujeito do inconsciente como tal em Lacan, na medida em que este estabelece o traço unário que divide o sujeito e, assim, o limita originariamente. Da mesma forma, pode-se estabelecer igualmente – como hipótese de trabalho – a sua relação com o duplo significante, esse que, por sua vez, a partir do duplo registro do objeto (a) em sua quinta função, refere-se a uma reconstrução da posição de Green acerca do duplo limite em conjunção com a sua teoria da representação, desenvolvida em contraposição à posição lacaniana do primeiro esquema da divisão do sujeito, isto é, da barra que divide o sujeito e o Outro – ao nível da primeira função do objeto (a), a *mediação entre o sujeito e do Outro*. Esse que, como tal, também cumpre a função do Além-Ego – quando da determinação do sujeito pelo significante.

Voltando à questão do terceiro limite, cujo elemento determinante da estrutura do sujeito se poderia descrever como o *In-significante*, é preciso reconhecer que tal elemento e, por conseguinte, o terceiro limite ele mesmo são postos pelo próprio indivíduo. Em vista disso, o elemento determinante do Antinarciso – tomado enquanto sujeito –, no conjunto de suas manifestações, seja como indivíduo real existente no mundo, seja enquanto personagem fictício, consiste no fato de que ele se vê a si mesmo como o In-significante. Assim, à diferença de Narciso e, portanto, do narcisismo e do antinarcisismo nele fundados – os quais transgridem o oráculo de Tirésias, para quem, na narrativa de Ovídio (*Metamorfoses*, III, 348; ed. bras., 2017, p; 187), Narciso teria uma longa vida “se não se conhecesse” [“si se non nouerit”], isto é, “se não se olhasse” no espelho –, o Antinarciso permanece fiel ao oráculo tiresiano e foge de sua imagem; isso faz com que ele, porém, a exemplo de Tournier (2011), caminhe sempre mascarado. Desse modo, distintamente do narcisista e do antinarcisista, respectivamente, o Antinarciso não se apaixona pela própria imagem e, em consequência, não exaure sua vida em um abraço mortal com aquela, nem quebra o espelho – a exemplo do antinarcisista de Bollas (2021, p. 200) – se a imagem nele refletida lhe parece inalcançável. Situação em que, mascarado, o Antinarciso jamais se vê, mas sempre esconde de si – mesmo quando reconhece que sua existência só pode se dar no espelho do Outro – o que para ele é a sua in-significância constitutiva, seu motivo de vergonha, a saber, seu enjeitamento originário pelo primeiro objeto de satisfação perdido. Isso, para ele, a origem de seu nascimento, sua evacuação ou eliminação pelo Outro, com o qual, antes de seu nascimento, ele era Um.

Ora, no conjunto de sua obra, mas especialmente em *Sexta-feira ou os limbos do pacífico* (1967/2014) e em *Je m'avance masqué* (2011), Tournier, se apresenta como um autêntico Antinarciso. Este vive a existência sem ser, ele é o In-significante para si mesmo, o significante que, assim, nada representa para outro significante na

medida em que a fratura de sua identidade pessoal consiste numa cisão dentro de si do significante mesmo. Em consequência, o Antinarciso foge de sua própria imagem, isto é, de seu Ego como imagem parcialmente refletida no espelho do Outro, porque permanece em conflito com a permanência afetiva de seu Si mesmo então cindido e sua deriva no Outro; um Ego volante que ora pousa em si ora no Outro e que faz do Antinarciso ora um ora outrem (Tournier, 1967/2014, p. 81). Do ponto de vista psicopatológico, a hipótese do Antinarciso emerge do contexto da clínica das neuroses, em rigor, da dificuldade com pacientes que apresentam queixa de *falha no triunfo*, tal como relatada por Freud (1916/2010, p. 260-283) e verificada por Autor (2021), em especial à época do caso Gabriela (nome fictício), analisante inicialmente tratada a partir da teoria das neuroses, mas sem melhorias significativas e que só apresentou mudança substancial quando da introdução da hipótese em tela (Autor, 2022). Como uma existência sem ser – dado que o ser é justamente isso que ele perde quando de sua cisão dentro de si –, o Antinarciso é o In-significante para ele mesmo, o significante (em um dos lados da cisão) que nada representa para um outro significante (que é ele mesmo do outro lado da cisão). Enfim, embora o Antinarciso busque ser, quando encontra este que seria seu ser próprio, ele não se reconhece ele mesmo em tal ser. Em vista disso, o Antinarciso também não permanece no ser, mas, inevitavelmente, sempre se move para fora dele; desse modo, não é capaz de falar dele mesmo enquanto Si mesmo ou de seu Ego. Este, o Ego volante do Antinarciso, flutua e paira no ar, em suspensão, sem nenhuma consistência.

No que segue, o trabalho apresenta primeiramente (II) as linhas gerais da constituição do Antinarciso como sujeito, em rigor, de sua determinação como o In-significante. Em seguida, o trabalho expõe, em seus grandes traços, (III) a barra lacaniana e o duplo limite de Green: de um lado, o processo de constituição do sujeito determinado pelo significante ou, em rigor, como o próprio significante; de outro, o duplo significante, no concernente aos limites do sujeito narcísico e porquanto tais limites determinam o aparelho psíquico de cada sujeito singular. Enfim, (IV) o trabalho elucida a posição de um terceiro limite no aparelho psíquico como constitutivo do Antinarciso; isso, à diferença da barra lacaniana, que sobrepõe os limites em questão no chamado traço unário, e do duplo limite de Green, que no afã de distinguir um segundo limite, submerge o significante e o sujeito do inconsciente no sujeito das pulsões e das relações objetais. A título de conclusão, o trabalho discute (V) os limites e os alcances da posição do terceiro limite na clínica psicanalítica atual.

LINHAS GERAIS DA CONSTITUIÇÃO DO ANTINARCISO COMO SUJEITO ENJEITADO

Este trabalho apropria-se da belíssima, mas igual e profundamente triste descrição que, *avant la lettre*, Tournier (1967/2014, p. 81-91) fornece acerca do Antinarciso, assim representado pelo personagem Robinson Crusó e, quase cinquenta anos depois, reconhecido como sendo ele próprio (Tournier, 2011, p. 17). Esse o “Narciso de um tipo novo, arrasado pela tristeza, com recrudescido nojo de si” (Tournier, 1967/2014, p. 82), sentimento originado do fato de que ele – o Antinarciso – se percebe como uma degradação do objeto, do qual então é eliminado, evacuado como um resíduo, quando, enfim, se apresenta como um eu volante, sem ser ou si mesmo ou esvaziado de si mesmo.

Pode-se falar aqui de um enjeitamento do sujeito pelo objeto que o evacua e que, assim, o faz *ex-sistir* (*estar fora, sistere ex*) (Tournier, 1967/2014, p. 115) como um resíduo de si. Eis aí um dos mais belos e dos mais tristes relatos do trauma do nascimento – mas não meramente do indivíduo e sim do sujeito – feito por um personagem fictício que, a um tempo, é o porta-voz do próprio autor; o que, portanto, faz do relato um relato do autor ele mesmo, tal como este autor mesmo o reconhece na medida em que coloca para si mesmo as questões que para ele se apresentam como fundamentais em sua *ex-sistência*. No caso de Tournier (1967/2014, p. 115), isso implica afirmar que somente “o que está no exterior existe” e que “o que está no interior não existe”; caso em que, por exemplo, “as minhas ideias, imagens, sonhos não existem”. Em suma, conclui Tournier (1967/2014, p. 115), “se Speranza não é mais do que uma sensação ou um feixe de sensações, não existe. E eu próprio só existo quando me evado de mim para outrem”.

Trata-se aqui, para o Antinarciso, de uma fratura radical, originária, de sua identidade pessoal, íntima, na qual a *intimidade* mesma simplesmente evapora, cedendo permanentemente seu lugar para a *extimidade*. Essa assim belamente retratada por Miller (1985-1986/2020, p. 25), na forma de uma pergunta retórica e mesmo eloquente, mas muito precisa, a saber: “qual é, pois, esse outro com o qual estou mais ligado que comigo mesmo, posto que no seio mais assentido de minha identidade comigo mesmo é ele quem me agita?”. Em vista disso, porquanto sua *ex-sistência* só se dá e só pode se dar como uma função de outrem, o sujeito que então emerge, embora emerja no campo do Outro – como ensina Lacan, em *O seminário 10, A angústia*, pronunciado em 1962-1963, e *O seminário 10, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, pronunciado em 1964 –, não emerge como um sujeito barrado, isto é, marcado pela barra do significante, mas antes como o próprio objeto pequeno *a*, que, por sua vez, e tal como o Antinarciso, se mostra igualmente como um resíduo do condicionamento pelo Outro (Lacan, 1962/2005b, p. 36). No tocante

a esse ponto, Green (1965/1972), ainda quando de sua participação nos seminários de Lacan, ensinara que o objeto pequeno (a) se reveste de pelo menos seis funções, situação em que cada uma delas opera no Antinarciso de um modo determinado, isto é, em rigor, o contrário de como opera no Narciso, a começar pelo modo como, em cada uma, se dá uma certa relação com a função de $i(a)$, isto é, de *imagem especular*. Esta, para Green (1965/1972, p. 12), o *elemento da indispensável mediação* que une o sujeito e o Outro, a qual, devido a uma *falha do significante*, rompido dentro de si, *falta* ao Antinarciso; o que produz, neste, a fratura acima mencionada, levando-o, como o faz Tournier (1967/2014, p. 115), a fugir da referida imagem e evadir-se para outrem.

Disso se depreende que, no Antinarciso, a imagem especular ela mesma é rompida; com isso, o *eu* (*moi, Ich*) se esvazia de si e, à diferença de Narciso, perde toda a sua *intimidade* e, portanto, evade de si para outrem, afirmando-se tão só em sua *extimidade*. Ora, a referida imagem é rompida tanto em Narciso, quanto no Antinarciso: o que acarreta a ambos o esvaziamento do eu (*moi, Ich*); todavia, se, de um lado, tal esvaziamento implica a perda da intimidade no Antinarciso, fazendo-o refugiar-se na extimidade, de outro, em Narciso, implica precisamente a perda da própria extimidade – o que, por sua vez, o levará tão somente a projetar-se em outrem, subordinando-o a si. Isso porque Narciso confronta-se com o Ideal do Ego, expresso no grande Outro (A), opondo-lhe o Ego Ideal – expresso no pequeno outro, logo no a' –, ao qual subordina não só o Outro, mas sobretudo outrem; caso em que se move na oposição entre tais esferas. O Antinarciso, ao contrário, move-se tão só no campo do Outro e é completamente determinado nesse campo, mas, em todo caso, na oposição – ou antes na cisão – entre o Além-Ego e o Ideal do Ego (ambos expressos no Outro, que assim cumpre suas respectivas funções no sujeito), implicada, portanto, no A. Contudo, enfim, na medida em que este A (o Outro) se constitui como o lugar do significante e se mostra ele mesmo cindido ou barrado (\bar{A}) dentro de si, ele cinde o próprio significante.

Neste sentido, dois movimentos de identificação ocorrem a um tempo no sujeito como tal, a saber: no *Outro barrado* (\bar{A}), o *sujeito da pulsão*, eu e outrem, a e a' , se identificam de tal modo que o primeiro é absorvido pelo segundo, para o qual o primeiro evade; em simultâneo, no *sujeito do inconsciente*, o *sujeito marcado pela barra* ($\$$), este se identifica com o assim chamado objeto (a), o resto ou a falta que permanece ínsito no resultado da divisão do sujeito ainda inexistente (S), o que destitui o ser-aí do sujeito de seu ser próprio e, assim, lança este último no abismo do nada. Assim, de um lado, o eu se mostra como um *cogito quebrado*, portanto cindido dentro de si, entre um *self* central que não se reconhece como Si mesmo, porque esvaziado de si, e vários *selves* periféricos, *advindos de outrem*, mas igualmente vazios de si, nos quais aquele pousa, ora em um ora em outro; de outro lado, ao perder seu ser, o *aí* do sujeito se mostra igualmente um *mundo quebrado*, caso em que o sujeito ele mesmo se apresenta como uma *existência* sem tempo, sem mundo e, portanto,

sem ser. Em Narciso, enfim, a oposição do Ideal do Ego e do Ego Ideal está implicada na relação do A e do a' (ou do \mathcal{A}): donde o contraste do Imaginário (como o lugar do Narciso) com o Simbólico, no qual está em jogo a oposição edípica do Além-Ego e do Isso – este expresso no sujeito ainda inexistente (S) –, então implicada na relação do A e do S.

O problema no Antinarciso não é, portanto, a falta do objeto faltante para o sujeito ao qual este se identifica, mas justamente a impossibilidade dessa identificação mesma. Isso, porquanto tal sujeito, para ser identificado, teria antes que ser representado – por um significante, para outro significante –, para o que teria que se apresentar em sua intimidade; essa que é justamente o que lhe falta. Esse o sujeito que, ao interpretar-se como enjeitado pelo objeto (aqui o objeto originário anterior ao nascimento do sujeito e, portanto, uno, precedente à separação de sujeito e objeto), foge de sua imagem especular, portanto da mediação – situada no campo do Outro –, e evade-se diretamente para outrem. Caso em que, por conseguinte, ou nele não opera nenhum significante ou o que nele opera se mostra irremediavelmente cindido, fraturado, quando ele próprio só se percebe como irrepresentável – sem ser, sem mundo, sem tempo – e, assim, como o In-significante.

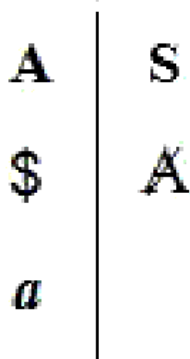
Trata-se, pois, de uma perturbação anterior àquela ao nível da formação da função do Ego (a um tempo do *Je* e do *Moi* em termos lacanianos, isto é, do sujeito do inconsciente reprimido e do sujeito das pulsões) e, em rigor, uma perturbação ao nível da formação da função do Si mesmo (*Oneself*). Em vista disso, faz-se necessário investigar tal formação para, assim, descobrir o funcionamento próprio do aparelho psíquico do Antinarciso, à diferença daqueles que se perfazem nas estruturas fundadas ou na matriz edípica ou na matriz narcísica. Considerem-se, pois, a barra lacaniana e o duplo limite de Green e o modo como estes conformam os sujeitos edípicos e os sujeitos narcísicos. Em contraste, observe-se em seguida a formação do Antinarciso.

A BARRA LACANIANA E O DUPLO LIMITE DE GREEN

A barra lacaniana, fundada no Simbólico, consiste em um traço chamado unário do significante, que divide o psíquico em consciente e inconsciente, em rigor, no sujeito e no Outro então barrados. Essa barra é fundada no Simbólico em vista de o Outro consistir no ponto de partida fundamental da emergência do sujeito, mais precisamente, do sujeito do inconsciente reprimido, como tal, distinto do sujeito da pulsão, a saber, o sujeito vivo, isto é, o indivíduo de carne e osso, ou ainda, como tal, o *sujeito inconsciente*. Conforme Lacan (1964/1985, p. 169; p. 173), à diferença do *sujeito do inconsciente* (reprimido), que *nasce* no campo do Outro, logo, no campo do Simbólico ou da linguagem, do qual se falará mais adiante, o *sujeito da pulsão* (parcial) *aparece* no nível do outro, logo, no campo do Imaginário ou da imagem especular, quando, por exemplo, no caso da pulsão sadomasoquista, ocorre

a introdução da possibilidade da dor, então sofrida pelo que ele próprio (o sujeito) se tornou nesse momento, a saber, o sujeito da pulsão. Nesta relação entre o sujeito vivo – o sujeito da pulsão – e o outro (imaginário) há uma estrutura de fundo a ser desvendada; essa a estrutura profunda do sujeito mesmo, da qual emerge tanto o objeto (a) quanto o sujeito do inconsciente (reprimido).

Tal estrutura, por sua vez, consiste no assim chamado traço unário, que funda a primeira divisão do sujeito (Lacan, 1962/2005b, p. 36). Ei-la:



Para que haja sujeito, antes de tudo tem que haver o assim chamado traço unário, isto é, a barra vertical que, no esquema acima, separa o Outro (A) e o sujeito ainda inexistente (S); essa a condição fundamental para que haja identificação e, portanto, unificação. Algo que, em outro registro, é reconhecido por Harari, na medida em que, para esse autor, “a unificação é possibilitada tão-somente pela mediação do outro [imaginário], devido à identificação de eu [imaginário] com sua imagem especular: *i(a)*” (Harari, 1997, p. 51). Aqui o traço unário permanece circunscrito ao sujeito vivo, ao sujeito das pulsões, mas também, se poderia acrescentar, ao das relações objetais, porquanto tal sujeito é precisamente o sujeito sexuado, dividido, perpassado pela lâmina que é a libido e que, por isso, limitado ao campo da pulsão, ainda carece, no dizer de Lacan (1964/1985, p. 188), “reunir-se com o sujeito tal como ele se evoca no campo do Outro”.

Na medida em que o sujeito ainda inexistente (S) é barrado ou porquanto o traço unário o atravessa no campo do Outro, ele vem à existência do lado do Outro (A) e se põe como sujeito barrado, a saber, como o sujeito do inconsciente, em rigor, o sujeito do inconsciente reprimido (\$), o sujeito cortado pela barra ou, antes, pela lâmina, que é a libido. Assim o Outro, do qual procedem o traço unário e, portanto, o significante, também é barrado e se mostra, em consequência, do lado do sujeito, logo, como alteridade, essa que é a alteridade do próprio sujeito marcado pela barra do significante; caso em que o Outro, agora posto do lado do sujeito, o constitui como inconsciente, ou seja, como o próprio Outro barrado **À**. Em vista disso, conclui Lacan (1962/2005b, p. 36), “o que está agora do meu lado é aquilo que me constitui como inconsciente, ou seja, **À**, o Outro como aquele que não atinjo”. Tal descrição,

porém, assim posta em primeira pessoa e, portanto, subjetivamente, apresenta sub-repticiamente o sujeito da pulsão, o sujeito vivo, sexuado, atingido pela lâmina, o qual, porém, não se dá conta de como veio parar ali, do lado que é o seu, mas em sua mais completa alteridade. Como isso ocorre?

Ora, a falta implicada no Outro barrado (\bar{A}), que se põe do lado do sujeito ainda inexistente (S) e que assim se constitui como a falta mesma do sujeito da pulsão, implica por sua vez que o sujeito ainda inexistente (S) permanece como tal e, portanto, imune ao corte, à divisão, logo, à intervenção do traço unário, em suma, do significante. Todavia, não obstante sua imunidade e a sua permanência, justamente porque inexistente, mas no desejo inconsciente de seu vir a existir por parte daquele que foi feito sujeito da pulsão – o sujeito vivo, sexuado –, o sujeito ainda inexistente (S) se mostra o primeiro objeto de satisfação perdido; primeiro porque anterior e precedente a todo e qualquer sujeito vivo e porque nele não há divisão alguma. Isso, por exemplo, tal como o *infans* antes de nele advir o sentimento de si, enquanto sentimento de ex-sistência, por conseguinte, a experiência de si – ainda no útero materno –, até à *descoberta de si*, ou, no dizer de Kehl (2020, p. 10), comentando Winnicott, “de que já nasceu”; período em que, mesmo já depois de ter nascido, conforme Winnicott (1987/2020, p. 20), “a mãe é o bebê e o bebê é a mãe”. Nesta situação, em rigor, não há mãe, nem bebê, mas tão somente um estado de satisfação plena, na qual prevalece o que, em Autor, 2022, p. 410, este autor designou “o Uno-Todo ou o Todo-Uno que ele era antes de seu surgimento como indivíduo, o múltiplo”; estado cuja perda faz emergir no sujeito da pulsão o sentimento da existência sem ser, de modo mais preciso, a própria existência sem ser enquanto pulsão primária. Essa, anterior às pulsões parciais e às pulsões de vida e de morte, que, embora ditas primordiais, mas porque conflitivas entre si, não são irreduzíveis, nem se colocam a serviço da “libido, enquanto puro instinto de vida” ou, para repetir Lacan (1964/1985, p. 186), “de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível”. Eis aí, enfim, o primeiro objeto de satisfação perdido, do qual, porque originário, no dizer de Lacan (1964/1985, p. 186), “são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto (a)”. Caso em que, para Lacan (1964/1985, p. 186-187):

[...]. Os objetos (a) são apenas seus representantes, suas figurações. O seio – como equívoco, como elemento característico da organização mamífera, a placenta por exemplo – bem representa essa parte de si mesmo que o indivíduo perde ao nascer, e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido.

Disso se depreende que se há múltiplas formas do objeto (a), cada uma a título de representação ou figuração do mais profundo objeto que o indivíduo perde ao nascer, é urgente a articulação de suas funções. Estas, aqui aludidas, mas já indicadas – embora não articuladas – por Green (1965/1972), quando de sua

confrontação do objeto (a) com a teoria freudiana; funções das quais a de *resto*, na operação de divisão do sujeito, se mostra como articuladora de todas as demais na medida em que, como expressão do objeto (a) enquanto objeto da falta ou causa do desejo – a quinta função enumerada por Green (1965/1972, p. 19-20/16-17) –, o objeto (a) implica justamente o problema do *não ser* (*n'être*). Este o problema em que, à diferença do enunciado na terceira função, a do objeto (a) como objeto de desejo, portanto, o problema do *não ter*, no qual está em jogo a relação do objeto (a) e do Outro (A), emerge a questão da relação do objeto (a) e do sujeito ainda inexistente (S). Por isso, enquanto naquela relação Lacan identifica o eu (*moi*) que fala ao objeto que a ele mesmo (ao eu) falta, do qual ele está irremediavelmente separado (Green, 1965/1972, p. 17/15); nesta, a identificação é a do sujeito do inconsciente (o sujeito barrado) ele mesmo (\$) com a imagem especular e, portanto, com o saber: esse que ocupa o lugar da perda de modo a recobri-la até o esquecimento de sua existência (Green, 1965/1972, p. 20/17). Assim, a tese de fundo que ora se esboça é a de que tanto o duplo significante quanto o In-significante já se encontram *in nuce* nas funções do objeto (a) aludidas acima.

Ao contrário da barra lacaniana, o duplo limite de Green, fundado no Imaginário, se mostra a um tempo como uma clivagem intrapsíquica e uma clivagem extrapsíquica. O estabelecimento de tal limite está ligado ao assim chamado limite originário de Freud (1925/2011), que, de certo modo, sustenta não apenas a determinação do *duplo limite* de Green, mas também o *traço unário* de Lacan e o *sistere ex* de Tournier, trabalhados nas seções anteriores. Entretanto, antes de entrar no núcleo da tematização de Green, leiam-se, em conjunto, duas passagens de *A negação*, de Freud (1925/2011, p. 279-280):

[...] A questão já não é se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu [Ich], mas se algo que se acha no Eu como representação pode ser reencontrado também na percepção (realidade). É, novamente, como se vê, uma questão de *exterior* e *interior*. O não real, apenas representado, subjetivo, está apenas dentro. O outro, o real, também se acha *fora*. [...] A oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o começo. Ela se instaura apenas pelo fato de o pensamento possuir a capacidade de mais uma vez tornar presente algo percebido, reproduzindo-o na imaginação, sem que o objeto necessite mais existir no exterior.

Ao comentar a segunda parte da citação acima, em rigor, a segunda passagem (depois dos colchetes), na qual localiza o que ele designa limite originário, Green (1982/2017, p. 281) afirma que “o que Freud omite é que entre a constituição do limite originário (entre o exterior e o interior) e a implementação do pensamento instaurou-se um segundo limite que separa o dentro”. Isso significa que, na origem, não há dentro nem fora e que mesmo no âmbito da instauração do limite originário, isto é, quando da emergência ou da instauração do pensamento, a divisão entre o dentro e o fora, o subjetivo e o objetivo, permanece confundida com a clivagem

do sujeito entre consciente e inconsciente, de modo respectivo, entre percepção (realidade, Eu-realidade) e representação (destituída de realidade, Eu-prazer originário), em especial a representação inconsciente. É preciso observar, porém, o que Freud sublinha ainda na primeira passagem, a saber, o reconhecimento de que o dentro, o subjetivo, o apenas representado é o *não real*; quer dizer, inexistente, que não tem existência e que, portanto, ainda não é para outro. Há aqui uma solidariedade entre essa perspectiva apresentada por Freud, o sujeito ainda inexistente de Lacan e o fato registrado por Tournier (1967, p. 115), segundo o qual somente “o que está no exterior existe” e “o que está no interior não existe”. Reconhecer isso é essencial para que se compreenda o alcance revolucionário do segundo limite estabelecido por Green e de seu caráter de duplo significante.

Limitando-se ao essencial, é preciso reconhecer no estabelecimento a noção de ‘duplo limite’ (Green, 1982/2017, p. 279-280ss), e no daquelas a partir das quais esta se mostra (Green, 1982/2017, p. 271ss), uma clara demarcação e substituição do que, para Green, seriam o que ele denomina as categorias lacanianas de ‘significante’, ‘cadeia significante’ e ‘objeto (a)’, mantendo suas características estruturais. O que pode ser verificado nas noções de ‘cadeia representativa’, ‘representante afeto’ (Green, 1982/2017, p. 272, nota 3) e ‘limite originário’, essa retomada de Freud (Green, 1982/2017, p. 280ss), às quais se poderia acrescentar a de ‘dupla transferência’ (Green, 2002/2005, p. 50ss), tidas por esse autor como representações, “no sentido conceitual mais amplo” – no sentido de que “a representação não representa nada além de relações” – incluindo a de afeto (Green, 1982/2017, p. 272). Caso em que, para Green (1982/2017, p. 271), representação é também um “conceito dominante da teoria freudiana”, aí incluso o *Vorstellungsrepräsentanz*, o *representante da representação* ou, para Lacan (1958/2005a, p. 61ss), o significante. Com isso, porém, Green não só reduz o significante, isto é, o *Vorstellungsrepräsentanz*, à representação, mas confunde a esfera daquele à desta, isto é, o Inconsciente e seu mecanismo, o recalque [*Verdrängung*], ao Consciente/Pré-consciente e o seu: a repressão [*Unterdrückung*]. Algo que tanto Freud (1915b/2010, p. 114-115, p. 118-119, p. 146-147; 1923/2011, p. 23-24) quanto Lacan (1958/2005a, p. 61-62) se esforçam o máximo para distinguir.

Todavia, indiferente a isso, Green (1982/2017, p. 280-286ss) desenvolve a sua concepção do duplo limite sobre a divisão do sujeito e do Outro. Esta, como em Lacan, é vertical e é assumida como o limite originário que *separa um dentro e um fora*; já o duplo limite, entretanto, se constitui como um segundo limite que, enquanto horizontal, *separa o dentro*, por conseguinte, os sistemas Cs-Pcs (Consciente-Pré-consciente) de um lado, e, de outro, o sistema Ics (Inconsciente). Neste caso, porém, conforme Green (1982/2017, p. 280), como a função de contrainvestimento desse segundo limite muitas vezes é falha:

[...] ele se deixa impregnar, não como se supunha, pelos processos primários infiltrando os processos secundários, mas pelos processos que se assemelham aos processos primários, mas que diferem deles por serem subordinados, ou seja, por buscarem menos a satisfação de desejos eróticos que sua destruição, a destrutividade dirigindo-se tanto aos conteúdos expressos quanto ao pensamento que os expressa.

Se interpretado ao nível da terceira função do objeto (a), em relação com a segunda, respectivamente, *o objeto de desejo* enquanto a ele (como o que falta ao eu) se identifica o Ego ideal e *a mediação entre o sujeito e o Ideal do Ego*, o trecho supracitado pressupõe um duplo significante – a um só tempo criativo e destrutivo – como o elemento principal de sua determinação no aparelho psíquico. Ora, a afirmação de um duplo significante e não apenas de um duplo limite se impõe como necessária em razão de que – não obstante o segundo limite impregnar-se de processos que se assemelham aos primários e deles diferirem por serem subordinados, por buscarem menos a satisfação de desejos eróticos que sua destruição – o elemento motivador da falha da função de contrainvestimento, apontada por Green, é completamente inconsciente para o sujeito. Se, conforme Freud (1915b/2010, p. 120), “o contrainvestimento é o único mecanismo do recalque originário”, o fato de ele ter lugar no Pré-consciente e protegê-lo do “assalto da ideia inconsciente” nada garante, e isso devido à função mesma do contrainvestimento, a saber, a representação do gasto permanente de um recalque originário e a garantia de sua permanência. Isso porque, seguindo Freud (1915b/2010, p. 126), quanto mais preponderante for o contrainvestimento e maior a ausência de descarga, muito menos bem-sucedida será o recalque; o que vale não só para as estruturas elencadas investigadas por Freud, mas também para a borderline, estudada por Green. O que poderia estar na origem disso senão a cisão mesma do inconsciente em geral, mas esta, fundada em certa duplicação do significante?

Neste sentido, se o significante ou o representante da representação implica a divisão do sujeito – isto é, o limita originariamente na relação com o Outro –, o duplo significante consiste precisamente na cisão do inconsciente em geral; de um lado, já prefigurada no primeiro limite tomado enquanto limite originário, de outro prefigurando o que Zukerfeld & Zukerfeld (2016, p. 23-24) denominam *inconsciente cindido*. Em suma: de um lado, uma estrutura edípica conflitiva, lugar do *Ideal do Ego* como sua forma ou instância própria; de outro, uma estrutura narcisista nirvânica, lugar do *Ego Ideal* (por sua vez, a forma ou a instância dessa estrutura), a sede do desmentido radical, da duplicação e da descarga (Zukerfeld & Zukerfeld, 2016, p. 33).

POSIÇÃO DO TERCEIRO LIMITE COMO CONSTITUTIVO DO ANTINARCISO

Quanto ao terceiro limite, fundado no Real, ele se produz em virtude da fratura originária do Inconsciente Real desde o nascimento até a aquisição da linguagem, quando, no espírito dos textos de M. Klein (1959/1975), e conforme evidências clínicas, o inconsciente do infante é separado do inconsciente da mãe. Conforme a intensidade dessa ocorrência, a cisão assim produzida pode levar à formação de um Si mesmo inconsistente e, assim, incapaz de sustentar um Si dividido, consciente e inconsciente, uma vez que o próprio inconsciente já está originariamente cindido. Desse modo, se o duplo limite se sobrepõe ao primeiro em narcisistas ou antinarcisistas, sobretudo borderlines, quando se trata de antinarcisos, é o terceiro que se sobrepõe ao primeiro. Porém, não mais sob a forma de um duplo significante e sim ao modo de um significante cindido dentro de si, que, portanto, não destrói o objeto, mas antes se anula a si mesmo como significante.

O terceiro limite consiste na divisão do Ideal do Ego e do Além-Ego, ou do Si mesmo e do Outro – enquanto este, no sujeito, cumpre a função do Além-Ego –, assim, quando o terceiro limite se sobrepõe ao primeiro, o Ideal do Ego e o Além-Ego operam sem sinergia e em oposição. Em vista disso, um sempre cancela os movimentos do outro; daí o sentimento de solidão e a incapacidade de estar só, assim como o sentimento de abandono afetivo, dependência emocional, desamparo, insegurança etc., sobretudo o esvaziamento do Si mesmo e a assimilação do Si por um Outro. Isso implica a ignorância do Si sobre si mesmo e o desaparecimento ou dissimulação do Si mesmo – ou do ser próprio – que o sustenta no oceano do Outro.

Antes de sua instauração como tal, a exemplo do duplo limite, o terceiro limite permanece sobreposto ao primeiro. Todavia, ao invés do significante ou do duplo significante, o que nele sobrevém é a fratura do significante mesmo, que, então, nada representa para outro significante e se mostra, em rigor, como o In-significante. Caso em que designa o “ir-representável”, isto é, tudo o que se apresenta – ao nível das pulsões e das relações de objeto – destituído de um representante (*Repräsentant, Repräsentanz*) que, nas palavras de Freud (1915b/2010, p. 114-115) e de Lacan (1958/2005a, p. 61ss), possa ter lugar na representação (*Vorstellung*) e se mostre numa dada rede de significantes, de modo a determinar um sujeito, como tal, pelo significante – pelo representante da representação (*Vorstellungsrepräsentanz*). Disso se depreende que no In-significante, em rigor, porquanto ele se mostra destituído de um representante da representação, ainda não há recalque propriamente dito, nem sujeito (do) inconsciente reprimido, mas tão só o recalque originário (*Urverdrängung*) e um sujeito (do) inconsciente poiético (Autor, 2022; 2023), anterior ao reprimido. Isso porque, se Freud (1915a/2010, p. 85-86) está correto quanto ao recalque originário,

não há, nem pode haver um inconsciente reprimido antes daquela clivagem; a qual não exprime senão a cisão originária do Inconsciente Real, que, assim, mais adequadamente, dever-se-ia designar-se poiético. Este o inconsciente que sofre o impacto do recalque originário e, assim, sob a forma do Isso, deixa sair de si algo como o Ego.

Somente ao nível do terceiro limite se torna possível pensar o conflito primordial entre o recalque originário e as pulsões, logo, antes que estas sejam recalçadas a partir de um processo secundário (o recalque propriamente dito) e, portanto, antes de se produzirem seus representantes psíquicos. Esse conflito primordial está na base da fratura da identidade que, conforme as observações clínicas levadas a termo pelo autor, caracterizam o fenômeno e a estrutura do assim chamado Antinarciso, bem como a pulsão primária, a qual, por seu turno, não se caracteriza em termos de pulsão parcial ou de uma pulsão que se oponha a outra, como, respectivamente, as pulsões sexuais e as de vida e de morte, mas é igualmente anterior a elas e aos seus representantes psíquicos ou aos seus não-representantes, para o caso da pulsão de morte (Freud, 1923/2011, p. 72). Disso se depreende, enfim, que no terceiro limite está em jogo a divisão do Real e do Ideal (a saber, do Imaginário) no sujeito, a qual, ao se sobrepor ao primeiro limite, à divisão do sujeito mesmo (em consciente e inconsciente), não só impede sua realização, mas antes o impossibilita assumir ou reconhecer o que ele próprio realizara; caso em que o sujeito entra em um tipo de compulsão à repetição distinto daqueles das estruturas edípicas e das estruturas narcisistas. Aqui, porquanto a realidade ainda não se constituiu de modo consistente ou seguro para esse sujeito – dado que ele não se move necessariamente por representantes da representação ou por significantes –, sua compulsão é pelo retorno ao Uno-todo, quando era *um-com* o objeto primário – o primeiro objeto de satisfação perdido, que se impõe como objeto de sua pulsão primária – do qual fora expelido, encontrando-se doravante sozinho e sem-mundo. Eis aí o Antinarciso em sua existência sem ser, manifesta na busca frenética pelo objeto primário irremediavelmente perdido.

Urge, pois, estabelecer e fixar o terceiro limite em sua fronteira com o primeiro. Em suma, fortalecer ou reconstruir o Si mesmo para estancar sua deriva no Outro e assim o problema da existência sem ser ou, o Antinarciso, o In-significante. Algo possível apenas se e somente se se estabelecer o limite entre o Ideal do Ego e o Super-Ego, em suma, o funcionamento autônomo e independente de um em relação ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À diferença da barra lacaniana e do duplo limite de Green – que é a origem mesma do inconsciente cindido –, na hipótese do In-significante, ao nível das relações entre a primeira, a segunda e a quinta função do objeto (a), um terceiro limite

permite expor uma fratura originária e específica do sujeito bem anterior à época da constituição da função do Eu (Je), portanto da barra lacaniana, e do inconsciente cindido em geral, fundado no duplo limite. Na medida em que a referida fratura originária se exprime na oposição do *Ideal do Ego* e do *Além-Ego* – uma oposição e uma fratura mais arcaicas que a do Ego Ideal e do Ideal do Ego – a cisão do Si mesmo, que nela tem lugar, constitui-se como a cisão do Inconsciente Real em geral e do Isso em especial. Uma cisão distinta daquela pressuposta por Green e explicitada pelo casal Zukerfeld, a qual, em rigor, no dizer dos próprios autores (Zukerfeld & Zukerfeld, 2016, p. 34) e como tal já entrevista por Freud (1923/2011, p. 22), é apenas uma hipótese metapsicológica – e não psicopatológica –, que distingue o inconsciente em um inconsciente reprimido e um inconsciente não reprimido. Ao contrário, a cisão do Si mesmo aprofunda a do Inconsciente em geral – entre o reprimido e o não reprimido – e se mostra antes de tudo como psicopatológica, quando só a partir de então ganha *status* metapsicológico.

Conforme já mostrado em outros lugares (Autor, 2022; 2023), esta cisão possui três momentos: o Real, o Imaginário e o Simbólico, respectivamente representados no infante a) no momento do nascimento, b) no desmame e c) no processo de aquisição da linguagem. Isso implica que a referida divisão não só ocorra segundo cada um desses momentos, mas também que ela consista precipuamente na divisão deles mesmos, em rigor, na fratura do Real (ou do Isso), na clivagem do Imaginário (ou do Ego) e na decomposição do Simbólico (ou do Além-Ego) –, estas duas últimas como formas malogradas resultantes do encobrimento da primeira divisão. Essa, a cisão do Isso, já reconhecida por Freud quando de sua tematização da emergência do Ego, porquanto o Ego, na linguagem de Miller (1985-1986/2020, p. 28ss), se mostra um envoltório da fratura da identidade, a qual, em vista disso, se apresenta como a extimidade do sujeito, seu sentimento de *não estar em casa*. Em consequência, para além das instâncias elencadas da segunda tópica de Freud, Lacan é forçado a falar de um sujeito do inconsciente (reprimido), como o lugar mesmo da extimidade, em substituição ao Ego e ao Além-Ego; os quais, para Miller (1985-1986/2020, p. 29), apenas ocupam esse lugar. O problema é que o sujeito do inconsciente reprimido também se mostra pura e simplesmente como um envoltório, neste caso, como um envoltório da clivagem originária do Isso ou do Inconsciente Real ele mesmo. Em rigor, da divisão entre o ser e a existência (o ser-aí ou o *Dasein*), quando esta última se esvazia do primeiro, o que implica a perda do primeiro objeto de satisfação anterior ao seu tornar-se um objeto, portanto, antes de sua separação do sujeito, ou, na linguagem de Tournier (1967/2014, p. 89), antes que o sujeito seja eliminado, evacuado como um resíduo dele.

Caso em que se mostra plausível investigar os processos de *mediação do sujeito e do Outro* enquanto o limite originário que, não obstante, já tem nele, embora confundido com ele, o duplo limite e, portanto, o inconsciente cindido. Isso ao mesmo

tempo em que se mostra urgente restabelecer os processos de *mediação do sujeito e do Ideal do Ego*, em contraposição àqueles da *mediação do sujeito e do Outro*, enquanto este também cumpre ou antes se constitui como a função mesma do Além-Ego – isto é, em termos lacanianos, do Nome-do-Pai –, quando da determinação do sujeito pelo significante. O que implica reconhecer uma intrincada relação entre a formação do Além-Ego, do Ideal do Ego e do Nome-do-Pai de um lado e, de outro lado, o nascimento mesmo do sujeito no campo do Outro, caso em que ocorre a inevitável cisão originária de ambos, em suma, a cisão do Si mesmo. Essa cujo acontecimento constitui a fratura originária da identidade pessoal, íntima, do sujeito e se mostra como a oposição do *Ideal do Ego* e do *Além-Ego*.

Referências

Bollas, Christopher (2021). **Forças do destino. Psicanálise e idioma humano**. Tradução de Liracio Jr. São Paulo: Escuta, 2021.

Freud, Sigmund (1923; 1925). O Eu e o Id; A negação. In FREUD, S. **Obras Completas. Volume 16. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos [1923-1925]**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, Sigmund (1915a; 1915b; 1916). A repressão; O inconsciente; Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In Freud, Sigmund. **Obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo; Ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Green, André (2002). **Key Ideas for a Contemporary Psychoanalysis**. London and New York: Routledge, 2005.

Green, André. (1987). **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

Green, André (1982). O duplo limite. In Green, André (1990). **A loucura privada**. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017.

Green, André (1965). El objeto (a) de J. Lacan y la teoría freudiana. In Green, André; Nassif, Jean; Reboul, Jean. **Objeto, castración y fantasía en el psicoanálisis**. Tradução de Mario Levin. Buenos Aires: Siglo XXI, 1972.

Klein, Melanie (1959). Sobre o sentimento de solidão. In Klein, Melanie. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Lacan, Jacques (1962). Angústia, signo do desejo. In Lacan, Jacques (1962-1963). **O seminário. Livro 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

Lacan, Jacques (1958). O sonho do pai morto. In Lacan, Jacques (1958-1959). **O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação**. Versão brasileira de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

Miller, Jacques-Alain (1985-1986). **Extimidad**. Texto establecido por Graciela Brodsky. Traducido por Nora A. Gonzáles. Buenos Aires: Paidós, 2020.

Minerbo, Marion (2019). **Neurose e não neurose**. – 2. Ed. – São Paulo: Blucher.

Ovídio. **Metamorfoses**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

Autor, Autor Autor Autor (2023). Para introduzir o Antinarciso e a pulsão primária em psicanálise. In Autor, Autor, Autor Autor (Org.). **Visões da manênci: Psicanálise, Filosofia e Religião na emergência da pós-modernidade**. [Obra em processo de publicação].

Autor, Autor, Autor Autor (2022). O Antinarciso ou o in-significante. Uma hipótese sobre a existência sem ser. In Rodrigues, Hermano et al. (Org.). (2022). **O inconsciente e suas letras: a ars literárias escuta as queixas da subjetividade**. João Pessoa, PB: UFPB.

Autor, Autor Autor Autor (2021). **O Antinarciso. Fenômeno e estrutura de uma nova entidade clínica**. Guarapuava: ID – Instituto de Daseinspsicanálise. [Work in Progress, PDF].

Tournier, Michel (2011). **Je m'avance masqué**. Paris: Gallimard.

Tournier, Michel (1967). **Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico**. Tradução de Fernanda Botelho. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

Zukerfeld, Ruben; Zonis Zukerfeld, Raquel (2016). **Procesos terciarios: de la vulnerabilidad a la resiliencia**. Buenos Aires: Lugar.